

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica  
Volume 18 | Número 2 | Julho – Dezembro 2024  
ISSN 1981-5875  
ISSN (online) 2316-9699

**PAISAGEM VIVA, SÍTIO FANTASMA:  
SENSIBILIZAÇÕES IMAGÉTICAS SOBRE O PRESENTE DA IGREJA NOSSA  
SENHORA DOS REMÉDIOS, EM CACHOEIRA, BAHIA**

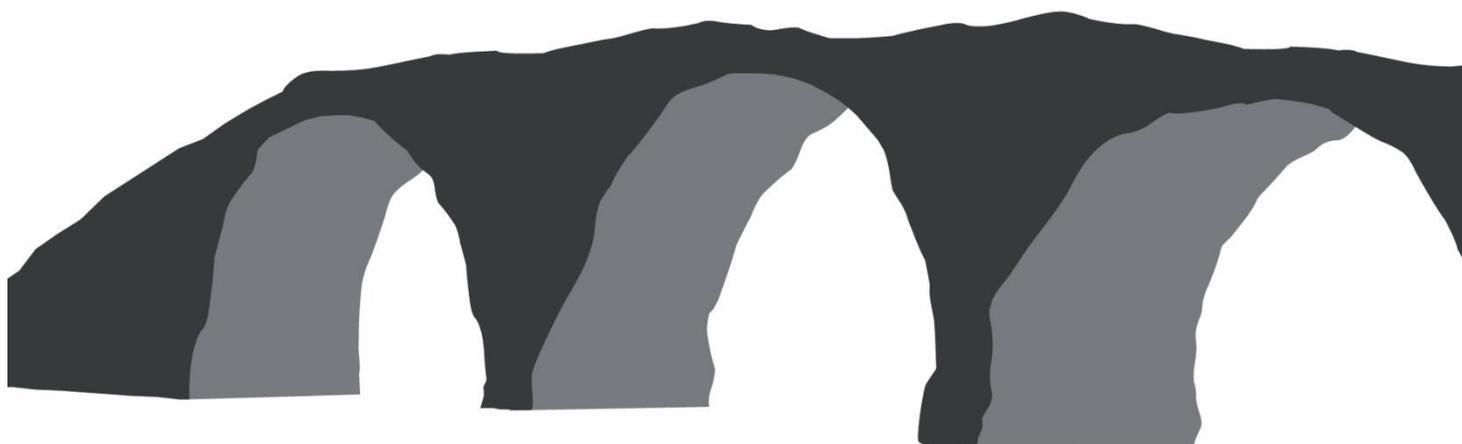
**PAISAJE VIVO, SITIO FANTASMA:  
SENSIBILIDADES EN IMÁGENES SOBRE EL PRESENTE DE LA IGLESIA  
NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, EN CACHOEIRA, BAHÍA**

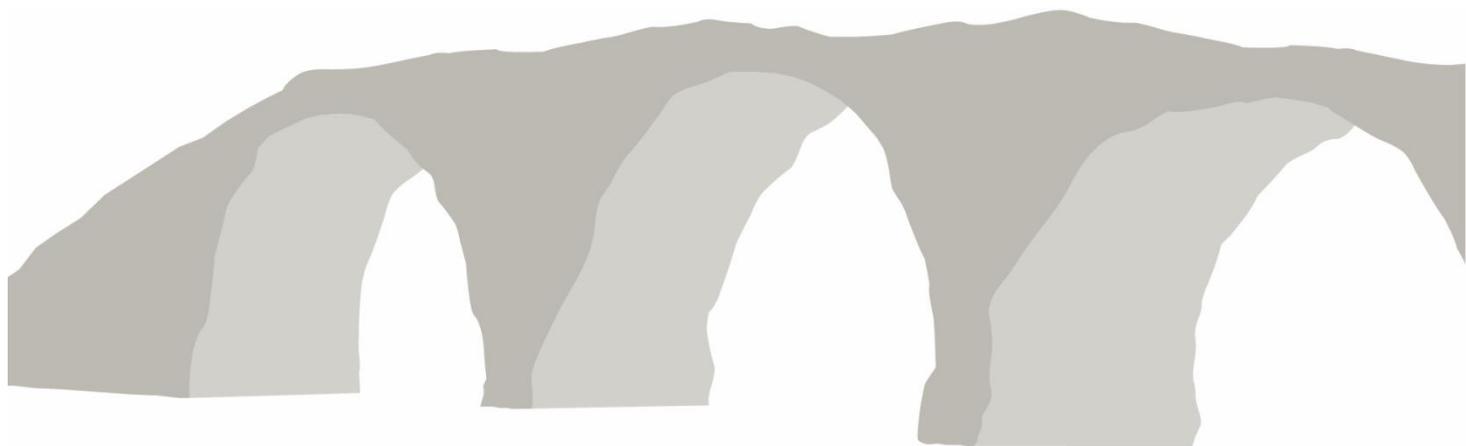
**LIVING LANDSCAPE, GHOST SITE:  
IMAGE SENSIBILITIES ON THE PRESENT OF THE NOSSA SENHORA DOS  
REMÉDIOS CHURCH, IN CACHOEIRA, BAHIA**

Gabriel Costa Fernandes

José Ronivon dos Santos Mota

Sarah de Barros Viana Hissa





*Submetido em 16/01/2024.*

*Revisado em: 19/04/2024.*

*Aceito em: 25/04/2024.*

*Publicado em 29/07/2024.*

**PAISAGEM VIVA, SÍTIO FANTASMA:  
SENSIBILIZAÇÕES IMAGÉTICAS SOBRE O PRESENTE DA IGREJA NOSSA  
SENHORA DOS REMÉDIOS, EM CACHOEIRA, BAHIA**

**PAISAJE VIVO, SITIO FANTASMA:  
SENSIBILIDADES EN IMÁGENES SOBRE EL PRESENTE DE LA IGLESIA  
NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, EN CACHOEIRA, BAHÍA**

**LIVING LANDSCAPE, GHOST SITE:  
IMAGE SENSIBILITIES ON THE PRESENT OF THE NOSSA SENHORA DOS  
REMÉDIOS CHURCH, IN CACHOEIRA, BAHIA**

Gabriel Costa Fernandes<sup>1</sup>

José Ronivon dos Santos Mota<sup>2</sup>

Sarah de Barros Viana Hissa<sup>3</sup>

---

RESUMO

Este ensaio, através de uma narrativa visual, analisa e reflete sobre questões acerca da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, no município de Cachoeira/BA. O referido templo foi utilizado entre a segunda metade do século XIX até o século XX pela Irmandade do Bom Jesus dos Martírios, uma irmandade composta por negros associados à nação Jeje. Eles utilizavam o espaço enquanto local de reinvenção cultural e de reconstrução de práticas, tornando a Igreja um espaço essencialmente negro e de etnogênese afrodescendente. No entanto, a igreja está em estado de abandono, remetendo à questão da seleção de patrimônios a serem preservados e de um possível racismo patrimonial. Enquanto isso, como se verá, o entorno da igreja é um ambiente cuja movimentação é intensa e vivida, a partir da tradicional feira livre da cidade e de moradias familiares. A edificação, em estado de invisibilização, de arruinamento e de desconstrução física e imaterial, contrasta fortemente com a atual existência dinâmica da sua paisagem de entorno.

**Palavras-chave:** patrimônio negro, ruína religiosa, racismo patrimonial.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Rua Ana Nery, Nº 25, Cachoeira, Bahia, Brasil. E-mail: [gabrielcostafernandes5@gmail.com](mailto:gabrielcostafernandes5@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4368-4768>.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Rua Ana Nery, Nº 25, Cachoeira, Bahia, Brasil. E-mail: [ronniemota@aluno.ufrb.edu.br](mailto:ronniemota@aluno.ufrb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8424-7492>.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Rua Ana Nery, Nº 25, Cachoeira, Bahia, Brasil. E-mail: [sarah.hissa@ufrb.edu.br](mailto:sarah.hissa@ufrb.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1623-8737>.

## RESUMEN

Este ensayo, a través de una narrativa visual, analiza y reflexiona sobre cuestiones que rodean la Iglesia de Nossa Senhora dos Remédios, en el municipio de Cachoeira/BA. El citado templo fue utilizado entre la segunda mitad del siglo XIX y el siglo XX por la Irmandade do Bom Jesus dos Martírios, una hermandad formada por personas de raza negra asociadas a la nación Jeje. Utilizaron el espacio como un lugar de reinención cultural y reconstrucción de prácticas, haciendo de la Iglesia un espacio esencialmente negro con etnogénesis afrodescendiente. Sin embargo, la iglesia se encuentra en estado de abandono, lo que plantea la cuestión de la selección de los sitios patrimoniales a preservar y un posible racismo patrimonial. Mientras tanto, como se verá, el entorno de la iglesia es un ambiente cuyo movimiento es intenso y animado, desde la tradicional feria al aire libre de la ciudad y las casas familiares. El edificio, en estado de invisibilidad, ruina y deconstrucción física e inmaterial, contrasta fuertemente con la existencia dinámica actual del paisaje que lo rodea.

**Palabras clave:** herencia negra, ruina religiosa, racismo patrimonial.

## ABSTRACT

This essay, through a visual narrative, analyses and reflects on issues surrounding the Church of Nossa Senhora dos Remédios, in the municipality of Cachoeira/BA. The aforementioned temple was used between the second half of the 19th century and the 20th century by the Irmandade do Bom Jesus dos Martírios, a society made up of black people associated with the Jeje nation. They used the space as a place for cultural reinvention and reconstruction of practices, making the Church an essentially black space with Afro-descendant ethnogenesis. However, the church is in a state of abandonment, raising the issue of selecting heritage sites to be preserved and possible heritage racism. Meanwhile, as you will see, the surroundings of the church are an environment whose movement is intense and lively, from the city's traditional street market and family homes. The building, in a state of invisibility, ruin and physical and immaterial deconstruction, contrasts strongly with the current dynamic existence of its surrounding landscape.

**Keywords:** black heritage, religious ruin, heritage racism.

## CONTEXTUALIZAÇÕES PRELIMINARES

Formada em grande maioria por pessoas da nação Jeje, que eram maioria em Cachoeira (Oliveira, 2009). Segundo João José Reis (1988), a grande população Jeje em Cachoeira teria se dado em razão da grande produção de fumo na região (Nardi, 1987), o que teria impulsionado o tráfico de escravizados, sobretudo proveniente de uma região específica da África, o Golfo do Benim. A parcela do fumo de menor qualidade ali produzido, além de destinada para exportação, também foi usada como moeda de troca pelos traficantes. Além disso, a questão linguística é também adicionada por Carlos Da Silva Jr. (2016) à produção do tabaco como razão para os laços entre Bahia e Benim e por certa preferência dos traficantes baianos pelos africanos falantes de línguas gbè (como é o dialeto jeje):

A historiografia há muito enfatiza o aspecto comercial (a oferta elástica de tabaco) como decisiva na consolidação dos laços entre a Bahia e o golfo do Benim. Em que pese a importância dessa mercadoria no conjunto de trocas comerciais entre as duas regiões, uma gramática cultural comum entre os africanos dos diversos grupos gbè desempenhou papel crítico na escolha dos portos africanos de tráfico pelos comerciantes baianos (Da Silva Jr., 2016, p. 8).

De todo modo, nota-se que o Golfo do Benim foi uma das regiões da qual proveio a maioria das pessoas sequestradas e escravizadas trazidas para a Bahia, como já observado por vários autores como Pierre Fatumbi Verger (2002 [1968], 2019 [1957]) e Luiz Felipe Alencastro (2000), entre outros. Isso ocorreu ao longo de todo o período do tráfico, conforme ilustram brevemente também as figuras 1 a 5 aqui oferecidas.

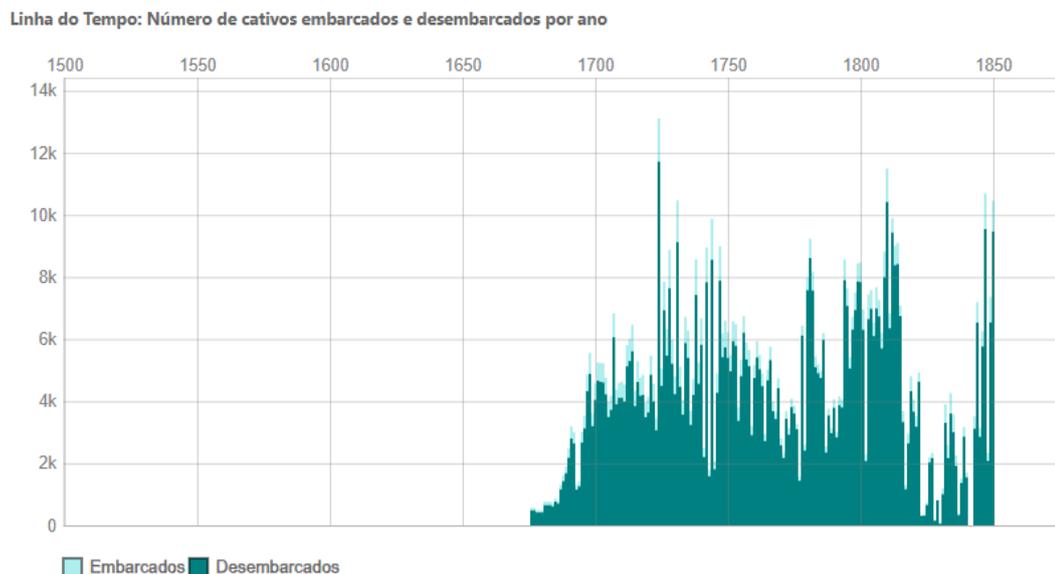


Figura 1. Estimativa numérica de pessoas sequestradas do Golfo de Benim e desembarcadas na Bahia ao longo das décadas. Fonte: disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. [cons. 28 dez. 2013].

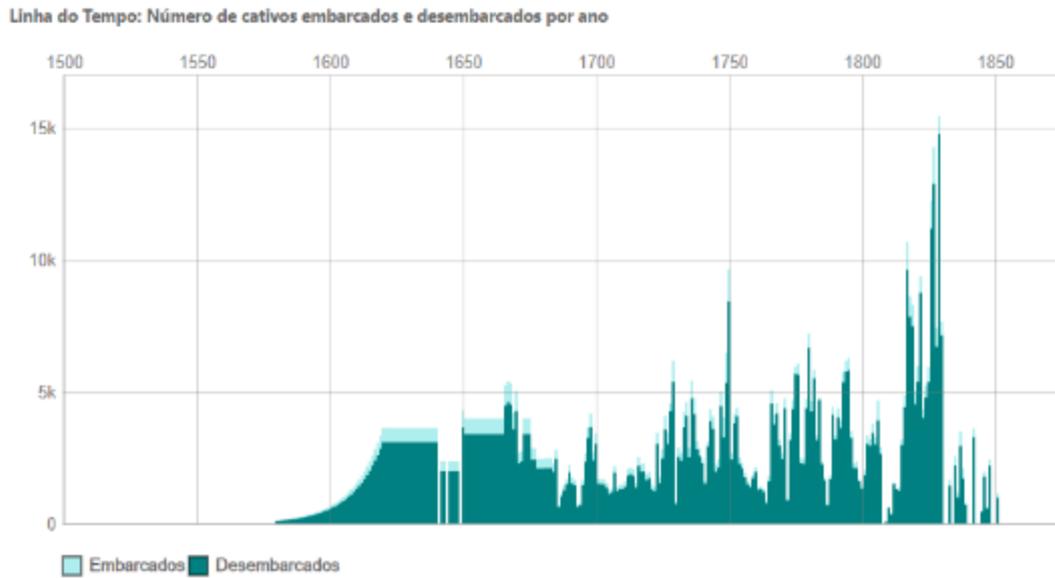


Figura 2. Estimativa numérica de pessoas sequestradas da África Ocidental Central e Santa Helena e desembarcadas na Bahia ao longo das décadas. Fonte: disponível em <<https://www.slavevoyages.org/>>. [cons. 28 dez. 2013].

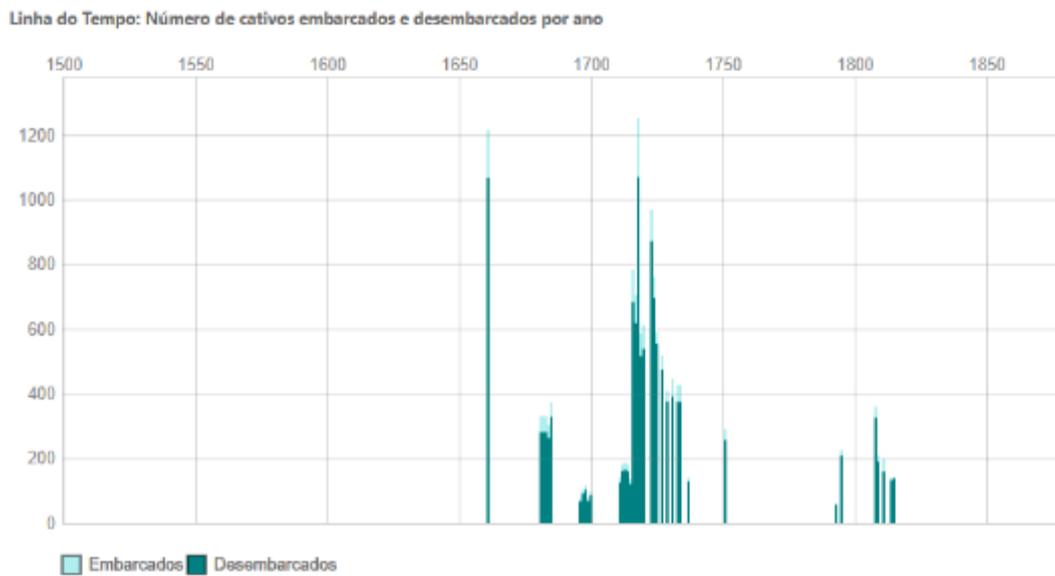


Figura 3. Estimativa numérica de pessoas sequestradas da Costa do Ouro e desembarcadas na Bahia ao longo das décadas. Fonte: disponível em <<https://www.slavevoyages.org/>>. [cons. 28 dez. 2013].

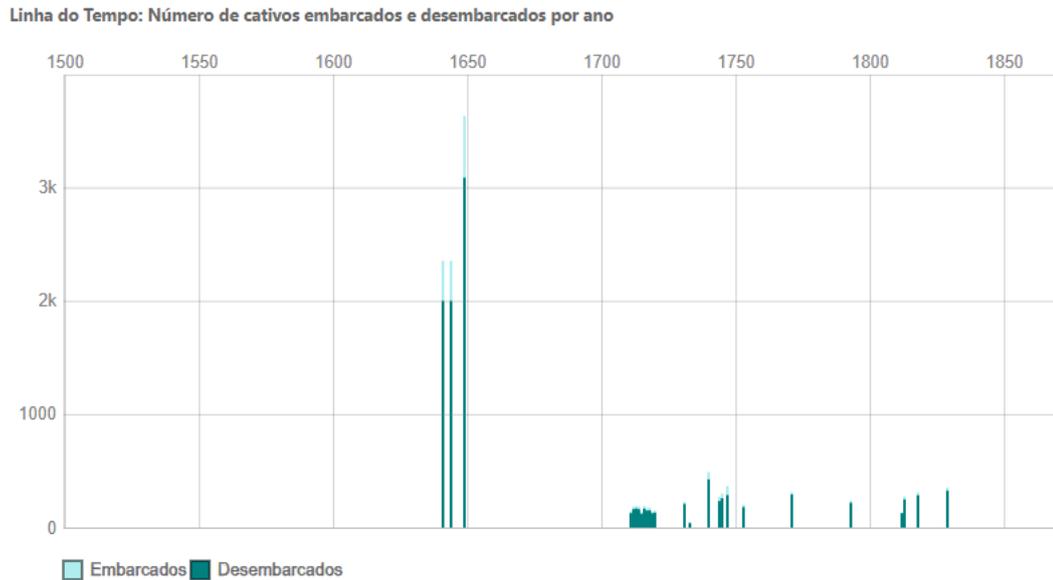


Figura 4. Estimativa numérica de pessoas sequestradas da Senegâmbia e Costa Atlântica e desembarcadas na Bahia ao longo das décadas. Fonte: disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. [cons. 28 dez. 2013].

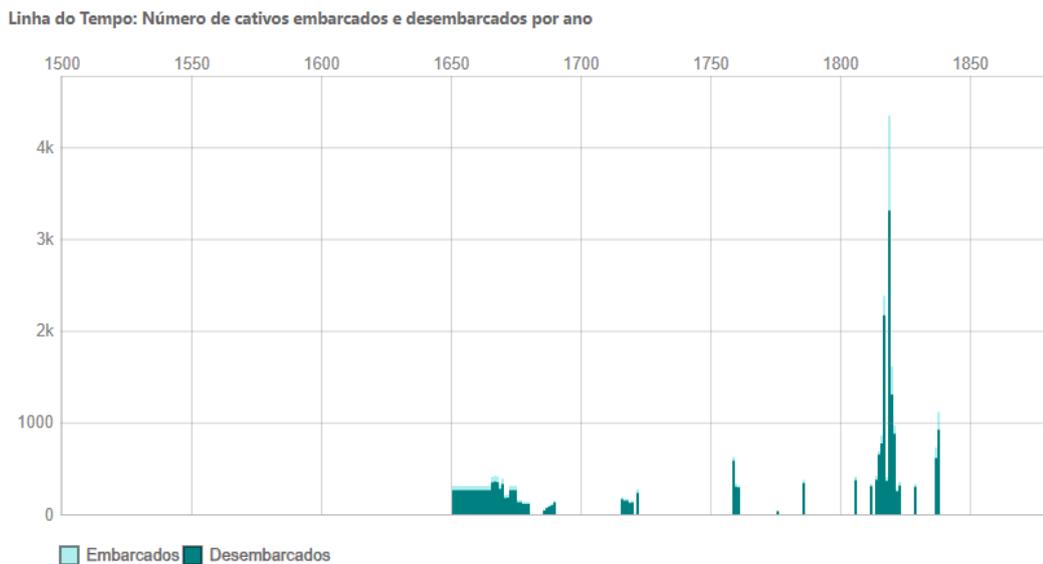


Figura 5. Estimativa numérica de pessoas sequestradas do Sudeste da África e Ilhas no Oceano Índico e desembarcadas na Bahia ao longo das décadas. Fonte: disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. [cons. 28 dez. 2013].

Assim, temos um contexto da Bahia, e especificamente de Cachoeira, recebendo grandes contingentes populacionais africanos da região do Golfo do Benim, falantes de línguas gbè, entre elas o jeje.

#### A IGREJA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Neste breve ensaio visual, as fotografias foram utilizadas enquanto via de interação com o *objeto* arqueológico, bem como atuaram como meio de registro, de denúncia e, em especial, de *sensibilização imagética* do que se observou durante as pesquisas de campo. Nosso *objeto* de estudo, a Igreja Nossa Senhora dos

Remédios, está localizada na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, na esquina entre as ruas Barão de Nagé e Augusto Régis.

A edificação era inicialmente uma casa de oração, de proporções modestas, construída para abrigar práticas católico-cristãs. Paralelamente, a irmandade de Senhor dos Martírios havia sido erigida nas dependências do convento da Nossa Senhora do Monte do Carmo, em 1765, pelos pretos da nação Jeje (Bonomo, 2012, p. 1). Ela então se utilizou dos centros religiosos e do seu entorno para se firmarem social e culturalmente, criando vínculos com os seus pares, como meio de salvaguardar suas práticas culturais. No entanto, a partir de 1850, irmãos Jejes, associados à dita Irmandade do Bom Jesus dos Martírios, reconstruíram a igreja primitiva, remodelando-a em um templo robusto. Ela foi então restaurada por volta de 1850, a pedido dos irmãos (Arquivo Regional de Cachoeira, 1850, *apud* Nascimento, 2007, p. 68), o que resultou nessa configuração arquitetônica de estilo neoclássica (ver figura 6).



*Figura 6. O neoclássico em ruína. Fotografia: Gabriel Costa (2023).*

É perceptível na figura 7, a presença de três figuras no portal do templo. A iconografia da composição conta com uma palma, representando a Irmandade do Senhor dos Martírios, com asas abertas acolhendo as figuras que seriam de São Cosme e São Damião. Podemos observar que a igreja segue os moldes canônicos recomendados pelas autoridades eclesíásticas da época, seguindo as normas exigidas pelo arcebispado Bahia. Com base no texto do Concílio de Trento, era recomendado que, nas construções, “[...]se edifique em sítio alto, e lugar decente livre de umidade, e desviado, quanto for possível, de lugares imundos e sórdidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distância que possam andar as Procissões ao redor delas [...]” (Constituições..., 1719, p. 165 *apud* Flexor, 2016).



Figura 7. Óleo sobre tela; fungo sobre cimalha. Fotografia: Gabriel Costa (2023).

Ao longo das várias décadas, a Igreja Nossa Senhora dos Remédios abrigava, em vários sentidos, essas pessoas. Nesse espaço, os irmãos se reuniam para desempenhar funções administrativas, como promover suas eleições. Havia também festividades associadas àquele espaço. As festividades da igreja ocorriam no período de setembro, havia os festejos em devoção a Nossa Senhora dos Remédios e posteriormente, no mesmo mês festejavam a São Cosme e São Damião, com uma novena (Gutemberg & Mota, 2009). Possivelmente ocorreram outros tipos de festejos em outros períodos. Um exemplo seria o do início da Semana Santa, no domingo de Ramos, já que a irmandade dos mártires praticava esse ato litúrgico na cidade de Cachoeira (Nascimento, 2007).

O espaço da igreja e os festejos também serviram de apoio para que os irmãos desta confraria ganhassem uma ascendência econômica e social, no que “as festas e folias como calundus, eram eventos espetaculares que favoreciam uma liberdade social de certos indivíduos ou grupos e ofereciam um espaço institucionalizado para a ocorrência na procura de status e poder” (Pares, 2007, p. 110 *apud* Bonomo, 2012, p. 06). Segundo Gabriella Bonomo, a acumulação de poder e riqueza era interpretada pelos devotos como um sinal dos deuses, o que atestava o poder do indivíduo e da instituição.

Alguns pretos emergentes ascenderam economicamente nos braços da irmandade. Eles praticavam suas devoções dentro e fora da igreja. Dentro da igreja, ocorriam as eleições e a organização das festas ligadas ao catolicismo. Já no entorno dela, conhecido como recuada ou pasto, denominação utilizada para indicar os limites entre o meio urbano e o rural, aconteciam também manifestações de Calundu ou Vodum, rituais praticados pelo povo Jeje, que, segundo João José Reis (1988) e Luiz Cláudio Nascimento (2007), resultaram

posteriormente no candomblé. Assim, o calundu de Cachoeira certamente não se localizava em pleno centro da *villa*, mas sim na rua do pasto (Reis, 1988).

Dado o contexto exposto, observa-se que essa é uma edificação de grande valor para a história do povo preto de Cachoeira, cuja história cultural foi aqui apenas esboçada. No entanto, esse patrimônio preto se encontra praticamente invisível aos olhos da população e do poder público, como dialogaremos com base nas fotografias.

Atualmente, em frente à igreja funciona a feira livre, área onde se organizam barracas de comércio, vendedores e compradores em diálogo e negociação, por espaço e valores de produtos extremamente variados, cujas cores e movimentos chamam atenção do transeunte para si. O forte amarelo e o azul das faixas, toldos e os letreiros comerciais demandam o olhar. Os passantes que buscam comprar se focam nos seus desejos e necessidades materiais. Ao mesmo tempo, essas pessoas evitam se colidir com outras pessoas e coisas olham para o chão irregular, para pessoas com trajetórias também irregulares, para as estruturas das barracas. Os vendedores buscam manter-se atentos aos seus clientes, ao troco, à maquininha e ao pix. Conversam com os colegas, que diariamente ladeiam suas barracas.

#### A PRESENÇA DO ABANDONO E DAS RUÍNAS: O PATRIMÔNIO FANTASMA

As contribuições sobre a temática do *patrimônio fantasma* são levantadas pela Profa. Dra. Márcia Motta, historiadora e uma das fundadoras da Rede Proprietas, que junto com uma equipe de pesquisadores, tencionam debates referentes à “[...] relação entre história, amnésia social, memória e patrimônio” (Pereira, 2016, p. 8). Motta (2016) menciona *patrimônio fantasma* como aquele bem que não possui suporte por parte do poder público, cuja proteção não é levada a rigor, mas que aos olhos do grupo social inserido naquele contexto é referência cultural indispensável para a formação da identidade e preservação da memória dessas comunidades às quais o bem pertence. Assim a autora reforça que:

Eles são fantasmas também porque, ainda que alguns possam estar fisicamente inteiros, eles não receberam a denominação de patrimônio, no sentido em que é conferido oficialmente como um exemplo de bem coletivo. Eles podem ser apenas vistos pelo poder público como algo sem valor, ainda que a comunidade reconheça ali o seu lugar de integração e de pertencimento. Enquanto patrimônios fantasmas, eles podem representar também o poder de resistir à amnésia social sobre uma história local, sobre um espaço onde outrora existia, por exemplo, um patrimônio fantasma imemorial, como uma dança que não é identificada como bem coletivo (Motta, 2016).

A partir das contribuições manifestadas por Motta (2016), é perceptível que o mesmo fenômeno ocorre com a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, já que o bem patrimonial não é resguardado pelo poder público, seja ele em âmbito municipal, estadual ou federal. As ações de cuidado e preservação na referida Igreja são realizadas de forma solidária, por uma parcela da comunidade local que compreende o valor histórico e cultural do espaço e das relações imateriais que forneceram significância ao patrimônio.

Com a presença da feira livre, a história da Igreja se apaga ainda mais. Toda essa vida que segue colorida, cotidiana e dinâmica na feira, deixa invisível a edificação, muito embora ela seja alta, robusta e monumental. Na paisagem, a Igreja cinza se torna *patrimônio fantasma*.



Figura 8. A feira em vida e cores; a igreja morta e invisível. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).

Esse *patrimônio fantasma* encontra-se de fato em situação de abandono, correndo o risco de desmoronamento. As paredes estão cobertas por fungos. Algumas plantas se apoiam sobre algumas paredes, pesando-as, e outras, crescem entre frestas e rachaduras, apartando-as ainda mais. Esse processo impacta a integridade física da estrutura, como visto na figura 6. O telhado já se perdeu parcialmente, de modo que o interior da edificação está exposto às ações do tempo, como se vê nas figuras 9 e 10. A figura 9 mostra o coro alto e o telhado esburacado. A figura 10 mostra esse último de outra visada e o estado atual do antigo altar. Os forros de madeira do altar ruíram, o que também aparece na figura 11. O arco do cruzeiro, onde se lê a sigla NSR (para Nossa Senhora dos Remédios), é o único elemento arquitetônico e artístico da Igreja que se mantém algo preservado.



*Figura 9. A cobertura que vira peneira. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).*

A edificação foi um dos diversos lugares que africanos e afrodescendentes, aqueles que mais sofreram com o período da colonização e com a escravidão, utilizavam enquanto área que potencializava a reconstrução de hábitos e reinvenções culturais (Amorim, 2016). A única reforma que houve no templo após a sua construção, foi na década de 1980, com uma parceria entre a Prefeitura Municipal e a Santa Casa de Misericórdia, na qual

realizaram pequenos reparos (Gutemberg & Mota, 2009). No presente, o espaço encontra-se em esquecimento e sem nenhuma expectativa de revitalização, tensionando ainda mais o seu arruinamento.

Podemos entender o *racismo patrimonial* a partir de uma lógica de exclusão por parte de vários segmentos públicos. Tal exclusão visa diminuir o valor de algum bem patrimonial, deixando-o abandonado, sem nenhuma ação de preservação ou manutenção do espaço, contribuindo não só para o arruinamento do edifício, mas também com apagamento da memória de um segmento da população. Brian Graham e colaboradores “alertam para o facto de serem sempre as minorias as mais desfavorecidas no que concerne o uso político-cultural e económico do património.” (apud Abadia, 2010, p. 10). Sendo assim, o desrespeito ou a tentativa de apagar o património do *outro* se dá através de mecanismos institucionais, acarretando o abandono e o menosprezo pelo património de pessoas historicamente consideradas inferiores. “Isto acontece porque a leitura do património liga-se intrinsecamente às estruturas de poder.” (apud Abadia, 2010, p.10).

Pode-se explorar o conceito de *racismo patrimonial* para o caso da cidade de Cachoeira. O Iphan; Adeodato (2011) aplicou recursos significativos na cidade durante seus grandes programas de restauro, o Programa Monumenta e o PAC Cidades Históricas. Considerando o Monumenta, uma reportagem veiculada pelo órgão aponta que: “Sobrados antigos e importantes conjuntos arquitetônicos, como a igreja e o convento do Carmo, a Capela da Ajuda e a Matriz do Rosário, foram restaurados. A orla fluvial ganhou um projeto de requalificação urbana e os moradores tiveram acesso a crédito facilitado para a reforma das antigas residências de importância histórica” (Iphan; Adeodato, 2011). Adiciona-se as seguintes obras a lista daquele programa: o Paço (Casa de Câmara e Cadeia), o Conjunto do Carmo-Ordem Primeira, o Conjunto do Carmo-Ordem III e Casa de Oração, a Casa Natal de Ana Nery, o Quarteirão Leite Alves e o Cine Teatro, além de outros templos católicos e residências privadas (ver Freitas Neto, 2018). É certo que o Conjunto da Igreja do Rosarinho e Cemitério dos Pretos, património notável e de forte descendência e associações afro, também recebeu um valor significativo durante o Monumenta. No entanto, observa-se, ainda que de forma assistemática, um número maior de patrimônios associados a elites incluídos nas listas do Monumenta e do PAC-Cidades Históricas, tal como maior somatório de valores totais investidos nesses mesmos patrimônios. Será interessante elaborar, a futuro, um estudo sistemático, que gere dados quantitativos e que embase essa discussão para mentes mais céticas. Por ora, deixa-se, para esses, a presente reflexão como forte sugestão de que a Igreja dos Remédios padece deste mal.

Teme-se que o templo, afastado da zona de movimentação turística da cidade, permaneça escondido atrás das lonas da feira-livre de Cachoeira até que sua estrutura entre em colapso e venha a ruir totalmente. Gil & Meinerz, apontam que:

O racismo brasileiro solidificou-se historicamente através da invisibilidade experimentada nas relações informais e íntimas do cotidiano das pessoas, reproduzindo-se em gestos diários de negatização, ridicularização e estigmatização dos grupos não brancos do país. (Gil & Meinerz, 2017, p. 23).

Não raro o património edificado do povo negro é esquecido e seus espaços, ridicularizados. A sua supressão física ou simbólica constitui uma lógica racista de como património negro é tratado. Um exemplo disso é o Terreiro Ilê Axé Icimimó Aganju Didè, também situado em Cachoeira, que, ao longo dos anos, vem sofrendo episódios contínuos de violência e invasão do seu território (Carmo, 2023). Mesmo com denúncias feitas pelas lideranças do terreiro, nada foi feito para proteger. Só depois de muita luta por parte da comunidade

do Icimimó é que o espaço obteve o seu tombamento, em 2024 (Iphan, 2024). Esse e outros casos evidenciam a falta de suporte ou até negligência dos órgãos públicos, a modo que esta inércia da gestão pública patrimonial acaba contribuindo para o apagamento dos espaços de sociabilidades negras.



*Figura 10. O abandono com vistas de dentro para fora. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).*

Na figura 12, podemos ver a estratigrafia de elementos arquitetônicos e artísticos e as camadas de preservação e de abandono. As decorações geométricas em relevo preservadas no arco do cruzeiro contrastam

fortemente com a gradual deterioração dos estratos superiores no altar-mor: o forro, o madeirame e, finalmente, o telhamento.



Figura 11. A sigla NSR impressa no arco, parte do único elemento bem preservado. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).

Alguns outros elementos também sobreviveram ao descaso, ao abandono e aos saques. O sino, ainda com o pêndulo, figura na imagem 13 que se segue. Ele persiste materialmente, pendurado, mas suas badaladas latentes dão lugar para o silêncio do objeto ignorado.

Sem a mão humana para tocar o sino, são outros os habitantes que produzem sons (figura 14).

Em uma área anexa, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios dispõe de um espaço para ossários (figuras 15 e 16) que foi utilizado pelos fiéis da Igreja durante alguns anos. O jazigo mais antigo data do ano de 1868, enquanto o mais recente é de 1979. Há no espaço 67 ossuários de diferentes famílias com seus restos mortais. Entre eles ressalta-se um, com datação de 1959, que refere-se ao senhor Antônio Aleluia Lima, pai do renomado cantor e compositor Mateus Aleluia.

É impactante a forma como essa situação vem sendo negligenciada por parte dos órgãos públicos, que não colocam em prática qualquer ferramenta para preservar e garantir a manutenção do espaço, enquanto esse recebe clandestinamente entulhos variados, inclusive da feira livre. Ignoram-se a memória, a importância social e pessoal e os remanescentes biológicos daqueles que ali estão sepultados. A única ação de preservação praticada na Igreja é executada já há dez anos por uma ativista pelo patrimônio, exercendo trabalho voluntário. Naiara Jambeiro (com. pess., 2023) nos relata que obteve a autorização do pároco da cidade, bem como recebeu as chaves da igreja, para realizar atividades de vistorias e cuidados. Ela remove alguns detritos, arriscando sua

própria integridade física e reprimendas de autoridades eclesíásticas e patrimoniais. Por sua própria conta em risco, sem suporte financeiro específico para tal, Naiara é a única pessoa que monitora regularmente o espaço.



*Figura 12. Estratigrafia do arruinamento e a sorte do arco do Cruzeiro. Fotografia: Gabriel Costa (2023).*



*Figura 13. A sorte do sino. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).*



*Figura 14. Alguns habitantes atuais do templo. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).*

A protetora da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, Naiara, que também foi estudante de História na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, explica que, antes de se tornar igreja com devoção à Nossa Sra. dos Remédios, pertenceu à irmandade de Nosso Senhor dos Martírios, que antes disso era sediada na Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Ela também relata que Mateus Aleluia visita o ossuário anualmente para fazer suas orações em preces ao seu amado pai (com. pess., 2023). Considerando a importância pouco visibilizada da igreja para a comunidade, a patrimonialista deixou uma súplica registrada em muro, com os dizeres: “Não jogue lixo na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Seja Educado!” (figura 17). É curioso que o grafite, tão comumente compreendido por sensibilidades mais conservadoras como depredação e vandalismo, esteja aqui, em uma bela caligrafia cursiva, demandando atenção ao patrimônio.



*Figura 15. O entulho da feira livre abre alas para o ossuário. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).*



*Figura 16. Abandono póstumo. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).*

Com o abandono por parte governamental, a Igreja dos Remédios encontra-se em ruínas, impossibilitada de ser utilizada para realizar qualquer prática social em seu interior. Observa-se a proximidade de pessoas no exterior imediato da igreja, em função da feira livre, em seus momentos de trocas, negociações e confidências. No entanto, nota-se que a sociabilidade praticada em seu entorno direto, não integra o templo. Sua escadaria serve apenas de assento. A igreja em si é, nas atividades cotidianas de grande parte dos habitantes, paisagem inerte.



*Figura 17. A suposta antítese do picho azul que tenta preservar: “Não jogue lixo na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Seja Educado!”.* Fotografia: Gabriel Costa (2023).



Figura 18. Somente um assento. Fotografia: José Ronivon Mota (2023).

#### PALAVRAS FINAIS

Consideramos que o estado atual de abandono e invisibilidade da Igreja Nossa Senhora dos Remédios de Cachoeira pode ser entendido como uma expressão *de racismo patrimonial*, que persiste (Pereira, 2021). A falta de sensibilidade por parte dos Órgãos eclesiais e governamentais revelam que não há nenhum interesse por parte deles em preservar um monumento tão vívido em fundamento e em memórias.

É perceptível que o espaço está sucumbido, tanto em aspectos materiais, a partir da situação de abandono e descaso, correndo o risco de destruição total, devido às ações do tempo que agiram sobre a estrutura do espaço arquitetônico, quanto em características imateriais, já que a salvaguarda das memórias e sociabilidades ali praticadas, foram abafadas e sem direito à preservação. Nos traz à tona que o patrimônio de pessoas consideradas periféricas, marginalizadas ao longo da história, é deixado de lado por parte de entidades que deveriam zelar pela sua integridade, o que pode ser considerado como mais uma ação deliberada para o esquecimento daqueles que ali resistiram. Mas sim, futuros estudos, pesquisas, dados quantitativos, gráficos e fotografias serão benéficas para fortalecer – corroborar positivamente – esse reclame e dar visibilidade e vitalidade a esse espaço negro.

#### RECONHECIMENTOS

Esse ensaio fotográfico foi produzido durante a disciplina ‘Antropologia Visual’ do curso de graduação em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), conduzida pela prof. Sarah Hissa. Os primeiros autores deste exercício, José Ronivon dos Santos Mota e Gabriel Costa, optaram por trabalhar o mesmo tema, a situação da INSR, a partir de fotografias, gerando grande parte deste trabalho.

Os autores agradecem à Naiara Jambeiro, pela sua disponibilidade em ceder do seu tempo de forma gratuita e de boa vontade, por abrir o templo para visita e por relatar sua vivência e memórias com o espaço.

Agradecemos também aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Cachoeira, especialmente à senhora Rita Maria Conceição Silva dos Santos, por serem solícitos à pesquisa e pelo bom atendimento.

## REFERÊNCIAS

- Abadia, L. (2010). *A identidade e o patrimônio negro no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa.
- Amorim, R. do N. (2016). *Práticas sociais e religiosas em Cachoeira entre os anos de 1840-1883: um estudo sobre a Irmandade do Bom Jesus da Paciência*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade DE Filosofia E Ciências Humanas, Salvador.
- Alencastro, L. F. de (2000). *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bonomo, G. O. (2012). *Experiências e Compromisso: A Irmandade Bom Senhor Jesus dos Martírios em Cachoeira/Ba (1765 a 1857)*. Dissertação (Licenciatura). Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII, Eunápolis.
- Carmo, W. (2023). Pai de santo denuncia ofensiva de empresa de celulose contra terreiro na Bahia; MP investiga grilagem. *Carta Capital*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pai-de-santo-denuncia-ofensiva-de-empresa-de-celulose-contraterreiro-na-bahia-mp-investiga-grilagem/>>. [cons. 15 abr. 2024].
- Da Silva Jr., C. (2016). Ardras, minas e jejes, ou escravos de “primeira reputação”: políticas africanas, tráfico negro e identidade étnica na Bahia do século XVIII. *Almanack. Guarulhos*, 12, 6-33.
- Flexor, M. H. O. (2016). O Concílio de Trento e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: “programa” da arte sacra no Brasil. Em Hernández, M., & Lins, E. (eds). *Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design* (pp. 206-251). Salvador: EDUFBA.
- Freitas Neto, L. (2018). *As políticas de preservação do patrimônio cultural como estratégia de desenvolvimento local em Cachoeira – BA (2002-2016): contradições e perspectivas*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro De Artes, Humanidades E Letras, Cachoeira.
- Gil, C. Z. de, & Meinerz, C. B. (2017). *Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a descolonização dos saberes*. *Horizontes*, 35(1), 19-34.
- Gutemberg, A., & Mota, T. (2009). Igreja dos Remédios em pleno abandono. *Jornal Reverso*, 27, s/p.
- Iphan; Adeodato, S. (2011). *Restauração faz a cidade de Cachoeira retomar antigo prestígio*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1245/restauracao-faz-a-cidade-de-cachoeira-retomar-antigo-prestigio>>. [cons. 18 abr. 2024].
- Iphan (2024). *Iphan aprova tombamento de terreiro de candomblé do Recôncavo Baiano*. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-aprova-tombamento-de-terreiro-de-candomble-do-reconcavo-baiano>>. [cons. 17 abr. 2024].

- Motta, M. M. M. (2016). Patrimônios. *Rede Proprietas*. Disponível em: <<https://www.patrimoniosmaranhao.net/>>. [cons. 14 abr. 2024].
- Nardi, J. B. (1987). *O fumo no Brasil colônia*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Nascimento, L. C. D. do (2007). “Terra de macumbeiros” *redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé Jeje-Nagô em Cachoeira e São Félix – Bahia*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador.
- Oliveira, D. M. O. (2009). *Nação Jeje Mahi: história e rituais do candomblé*. Dissertação (Licenciatura). Centro Universitário Maria Milza, Faculdade Maria Milza, Cruz das Almas.
- Pereira, T. C. (2016). A fazenda March: um patrimônio fantasma no mito de fundação de Teresópolis. Em *Anais do XVII Encontro de História da ANPUH-RIO* (v. 17, pp. 1-14). Câmpus Nova Iguaçu: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- Pereira, P. F. S. (2021). A invenção dos direitos e a racialização dos patrimônios: a constituição de 1988 e a desconstrução do monólito monocultural da nação. *Revista de Direito*, 13(2), 1-33.
- Reis, J. J. (1988). *Magia Jeje na Bahia: a invasão do calundu do pasto de Cachoeira, 1785*. *Revista Brasileira de História*, 8(16), 57-81.
- Verger, P. F. (2002 [1968]). *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos (dos séculos XVII a XIX)*. Salvador: Ed. Corrupio.
- Verger, P. F. (2019 [1957]). *Notas sobre o culto aos orixás e voduns*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.